

2004. JB. AA. 001. 001 (1)

FICHAS

CD: José Ulisses da Silva

Projeto: Trilhas do Vila

Compositores: Jarbas Bittencourt e Marcos Póvoas

Preço: R\$15 (à venda na lojinha do Teatro Vila Velha)

Espectáculo: José Ulisses da Silva

Coreografia, direção e cenário: Cristina Castro

Elenco: Viladança

Temporada: de hoje até dia 25 (sextas e sábados, 21h; domingos, 20h)

Ingresso: R\$12 (inteira)

O primeiro jornal da Bahia na Internet

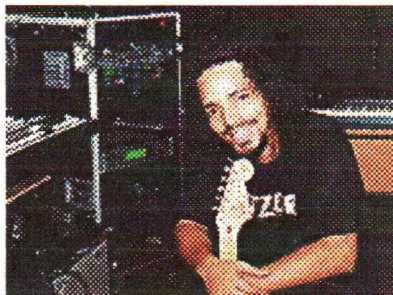
CORREIO DA BAHIA

FOLHA DA BAHIA

Sexta-Feira, 16 de Abril de 2004.

As trilhas de Jarbas Bittencourt Lançamento do CD "José Ulisses da Silva" comprova presença constante do compositor na cena local

Doris Miranda



Além de "José Ulisses da Silva", que é uma parceria com Marcos Póvoas, o músico Jarbas Bittencourt (foto) terá outras de suas várias realizações para teatro lançadas ainda este ano
*Foto: Marcio Costa

Quando vasculha a memória em busca dos sons que marcaram sua infância, Jarbas Bittencourt pensa logo nos frevos dobrados do trio elétrico Armandinho Dodô e Osmar. Menino criado na Ribeira, vizinho do galpão onde o trio era construído na década de 70, ele sempre dava um jeitinho de espiar o movimento daquela gente que definiu novos rumos para o Carnaval baiano. Não tinha noção disso ainda, claro. Mas hoje, aos 32 anos, diz sem a menor dúvida. "Sou músico por causa deles". Diluída junto com a poesia melódica de Chico Buarque, essa influência virou uma coisa bem mais emocional, percebida dentro da sofisticação que se tornou marca do trabalho de um dos cantores e compositores mais requisitados do meio teatral recente.

Sim, pois Jarbas, além de membro atuante da Confraria da Bazóffia, é autor das trilhas de diversas montagens baianas de teatro e de dança. Exemplo disso é José Ulisses da Silva, espetáculo do Viladança que reestréia pela terceira vez, hoje, às 21h, no Teatro Vila Velha (Campo Grande), em temporada que segue até o dia 25, só como pretexto para o lançamento do CD José Ulisses da Silva, que sai pelo selo Trilhas do Vila, inaugurando um filão que parece ser promissor. Até o fim do ano, Jarbas anuncia o lançamento em CD das trilhas de A casa da minha alma (monólogo de Aninha Franco, com direção de Márcio

Meirelles, pelo qual Jarbas concorre ao Prêmio Braskem), de H2O - Uma fórmula de amor (infantil de Elísio Lopes Júnior que tem direção de Zeca de Abreu) e de Pé de Guerra (a partir de texto de Sônia Robatto, com direção de Márcio Meirelles).

"O que principalmente estimula o lançamento de uma trilha sonora é a solicitação do público que assiste ao espetáculo. No caso de Ulisses, sempre houve esse pedido durante as apresentações. Sinto que estamos começando algo", afirma ele, que também é diretor musical do Vila Vox, coral cênico ligado ao Teatro Vila Velha. Composto em parceria com Marcos Póvoas, que acabou de ganhar o Prêmio Shell pelas músicas do espetáculo carioca Candaces - A reconstrução do fogo, outra direção de Márcio Meirelles, o disco é um delicado testemunho do que Jarbas produziu nestes últimos oito anos de envolvimento com o teatro. "Essa deu trabalho, mas só sei fazer com envolvimento total. Se não for assim, fico perdido", completa.

A intenção da dupla era dar continuidade à idéia de que a vida acontece nas ruas. O Ulisses criado pela coreógrafa Cristina Castro é um cara como outro qualquer, sujeito a morrer atropelado, a encontrar seu grande amor no meio dos pedestres e a andar e não ver nada. Como traduzir isso em música? Apelando para referências sensoriais. Mesmo sem assistir ao espetáculo, o público ouve (e vê) o movimento das ruas, percebe os encontros, os desencontros, a paixão, a violência, a briga pela sobrevivência... "O resultado é completamente autoral, é humano. Ouvindo a trilha, você percebe a riqueza de conceitos e imagens que ela conserva. Mesmo sem as cenas, permanece ali o apelo ao tato e à imaginação", opina Jarbas, que é autor também da trilha de Vixe Maria! Deus e o diabo na Bahia, nova peça de Fernando Guerreiro que acaba de entrar em cartaz na cidade.

Como tentar dar vazão a tanta subjetividade, sem apelar para a criatividade? Além dos já esperados violão, guitarra, baixo, teclados e acordeom, os meninos usaram coisas menos convencionais. Unhas raspando mesas, chaves balançando no ar, lápis escrevendo ou batucando se transformaram numa sinfonia de sons inusitados, graças aos recursos da edição eletrônica. "Nesse aspecto, a contribuição de Marcos foi inestimável. Sem ele, o trabalho não teria sido o mesmo, porque não foi fácil traduzir em som o que Cristina Castro queria de nós", valida Jarbas. O amigo Marcos devolve a rasgação de seda na mesma moeda. "Jarbas é um músico sensacional, aprendi muito com ele", diz.

Jarbas Bittencourt sabe do que está falando, afinal já se vão oito anos desde que arriscou as primeiras músicas no espetáculo Erê pra toda vida, encenado pelo Bando de Teatro Olodum em 1996. De lá para cá, foi ganhando moral e trabalhos para fazer. E foi um em cima do outro, sem intervalo nem para respirar. "Não acredito em inspiração pura. Comigo é 10% de inspiração e 90% de trabalho", confessa. Quer ver? Erê para toda vida (1996), Cabaré da Raça (1997), Dom Quixote (1998), Sonho de uma noite de verão (1999), Material Fatzer (2001), Brasis (2002), A casa da minha alma (2003), Um bonde chamado desejo (2003), A roda dos mundos (2003) e Oxente, cordel de novo! (2003) são apenas algumas peças em que assina a trilha musical. "Hoje já me sinto um homem de teatro, é como se ele funcionasse como uma bússola que indica a direção das coisas que devo fazer", conclui.

Herói das ruas

Basta sair às ruas para se ter uma idéia de como Ulisses enxerga a vida. Ele vê a confusão dos motoristas presos nos engarrafamentos quilométricos, capta o olhar de desespero do menino faminto para a vitrine de doces, percebe o amor surgindo entre o casal de camelôs e corre para casa exausto de tanta informação. Ulisses sou eu, você e qualquer outro ser humano contemporâneo que luta como um herói para sobreviver. Podemos vê-lo mais de perto no espetáculo José Ulisses da Silva, coreografado por Cristina Castro para o Viladança, com base no mito grego.

Navegador de espírito beligerante, o Ulisses da história vai ficando sozinho na sua trajetória de volta para casa, sendo obrigado a dar conta de tudo. "Ele encontra com deuses e monstros; vivencia o amor, o medo, a estranheza, a loucura", observa a coreógrafa.

Em José Ulisses da Silva, que foi apresentado pela primeira vez em 2002, o Viladança cruza a dança com diversas linguagens. A trilha sonora de Jarbas Bittencourt e Marcos Póvoas se transformou em mais um elemento para compreensão desse mundo caótico, cheio de descobertas inusitadas. "É um diálogo muito interessante, quando a trilha está sendo composta junto com a coreografia. A dança passa a não ser apenas uma reação à música, ao que ela inspira ou provoca, é uma via de mão dupla", arremata Cristina Castro.

Um Shell para Marcos Póvoas

Parceiro de Jarbas Bittencourt na composição da trilha de José Ulisses da Silva, o editor de audiovisual baiano Marcos Póvoas, 33 anos, acaba de ser agraciado por outro de seus trabalhos para o teatro. Recebeu o Prêmio Esso de Teatro do Rio de Janeiro pelas músicas que fez para o espetáculo Candaces - A reconstrução do fogo, dirigido por Márcio Meirelles no ano passado, no Rio de Janeiro, para a Companhia dos Comuns.

"É a primeira vez em que ganho um prêmio desse porte. E peço até licença para recebê-lo, porque foi uma coisa compartilhada com a equipe. O processo de criação foi absolutamente coletivo", avalia ele, que divide a quantia de R\$8 mil com o carioca Puan Viana, também responsável pela música em Candaces. Editor do filme Cega seca, da baiana Sofia Federico, vencedor do Cine Ceará 2003 nas categorias de melhor filme, melhor roteiro e ator, Marcos diz que sua praia mesmo é o cinema. "Não sou músico, as coisas acontecem comigo por inspiração. Tenho a impressão que tudo que realizei até agora foi um processo preparatório para o cinema", conclui.